

Há mais de duas (consistentes) décadas de trabalho, a artista Maria Lynch (Rio de Janeiro, 1981), vem desenvolvendo, em múltiplos suportes e meios artísticos, uma trajetória, no mínimo, singular. Através de suas pinturas, desenhos, fotografias, vídeos, instalações, performances e além, Lynch tem demonstrado, de modo profícuo e preciso – uma rara capacidade de debruçar-se sobre esta gama de meios variados da prática artística, sem cair em armadilhas ou outras saídas fáceis que pudessem resultar desta mistura. É neste percurso híbrido, precisamente, onde a obra da artista ganha, crescente e constantemente, contundência e coesão diante do circuito da arte contemporânea.

Para sua primeira exposição na Aura Galeria, em São Paulo, Maria corrobora este senso de desafio que perpassa o corpo de sua obra, à medida em que exhibe um conjunto inédito de pinturas cujas superfícies encontram-se banhadas em tintas negras, obscuras, na contramão exata de um lugar-comum presente no imaginário coletivo do público da arte contemporânea de que a produção de Lynch é pautada – irrestritamente! vejam só... –, pelo uso de cores vibrantes, claras, leves, sensuais e afins.

No presente conjunto de obras reunidas em *Entropia*, título que amarra e batiza a mostra, Lynch convida seus público a confrontar não apenas uma fase vigente na produção da autora, uma vez que o uso da tinta preta já venha, timidamente, aparecendo em diferentes momentos pontuais de sua trajetória. No entanto, há aqui, sem dúvida, um conjunto robusto de obras que nos apontam para algo maior, dentro de sua práxis. Entre o desejo e a ideia mística de obedecer a certo momento necessário de ser atravessado em seu ateliê; entre a dúvida, o rubor e a reação libertadora de quando a artista compreende que deve fazer aquilo que está a lhe mover, naquele momento/período exato, de sua produção.

A ideia de "entropia", que batiza a mostra, nos conduz justamente a um percurso familiar àqueles que as telas de Lynch costumam nos levar: ao passo em que o conceito físico nos abre portas e janelas de compreensão para o trabalho aqui apresentado pela artista, consegue também manter o grau de mistério e, por fim, de irresolução tão característico de suas composições pictóricas. Desconcertante, a entropia eleita pela artista para nomear o presente grupo de obras inéditas de sua autoria, está a beber, quase que de modo literal, de sua definição retirada de livros ou outras fontes confiáveis, onde a entropia é explicada como uma "grandeza termodinâmica associada à irreversibilidade dos estados de um sistema físico. É comumente associada ao grau de "desordem" ou "aleatoriedade" de um sistema."

*Desordem, aleatoriedade, desequilíbrio e irreversibilidade:* sem nos aprofundarmos, podemos apenas buscar destacar estas palavras-chaves para quem sabe, as utilizarmos como pistas de uma operação que já não nos parece tão distante de ser compreendida, aferida ou mesmo absorvida por nossos aparatos óticos, a partir das escolhas realizadas pela artista, em suas telas recentes.

Para chegarmos até às pinturas atuais de Maria Lynch, é preciso, sem dúvida, que remontemos a um território ainda nas cercanias do início de sua produção visual, no começo da década de 2000, quando a artista carioca já buscava – em telas de grande escala e fazendo uso de paletas de cores frequentemente intensas – realizar ambiciosas pinturas cuja definição entre os ambíguos territórios da figuração ou da abstração pareciam já não dar conta de precisamente nomear o que ali Maria estava a conceber.

Suas pinceladas robustas pareciam, então, querer dar conta de seres humanos, não-humanos, híbridos, animais, frutos, bichos, formas, manchas e mais toda sorte de possibilidade visual que pendesse ora para a resolução visual, ora – e com bastante frequência – para a ilegibilidade de seus contornos, talvez ainda rebeldes demais para buscarem batizarem a si. Ou melhor, para receberem categoria, título e lugar em uma hermética caixa no ateliê de Lynch.

Maria claramente recusou este caminho: é o que viria a revelar o corpo de sua obra que vem em seguida, muitas vezes desdobrando-se por mídias e linguagens um tanto distintas, mas, decerto, fincando terreno no desenho e na pintura talvez como as âncoras mais fortes de uma produção que cresceu, veloz e qualitativamente, aos olhos do público.

Ao passo em que alguns artistas buscam momentos de reclusão ou incessantes pausas para, com sorte, encontrarem racionalmente o caminho de suas próximas obras, Lynch nunca deixou certa postura destemida defronte ao trabalho de arte tomá-la, fato explícito após breve leitura e folheada de seu catálogo panorâmico, uma das publicações já editadas sobre o trabalho da artista, reunindo mais de 200 páginas de sua produção constante – e, sobretudo, coesa.

Se cada artista adquire um modo específico de abordar a tela vazia – algo que, apesar de aparentemente simples, pode converter-se em um longo e extenuado ritual ou equação matemática quase insolúvel –, o ponto de partida do caminho de Lynch sobre a superfície de suas pinturas ainda antes de serem feitas, no ateliê, foi o experimento com a linha.

Seja ao delimitar espaços sobre a tela branca com fitas adesivas de diferentes tipos ou mesmo arriscando-se em pinceladas "freestyle" em que, do mesmo modo, aventurava-se a delimitar tais campos separativos sobre o plano pictórico, a artista compreendeu aí, talvez, a mais importante gênese de sua práxis cotidiana. Desbravar a tela não munida de ansiedade e furor, mas, ao contrário, buscando talvez um dos menores gestos possíveis de nela ser inscrito: traçar uma linha; reta, oblíqua, contínua, espiralar ou como fosse.

Ainda que em um texto curatorial cujo objetivo é estabelecer uma leitura acerca, apenas (ou quase apenas!) das pinturas inéditas aqui exibidas, no contexto da mostra "Entropia", torna-se também uma verdadeira missão quase impossível de não buscar traçar paralelos e escavar, como num frágil exercício arque-geológico da prática de Lynch, uma espécie

tanto de memória que já nos apresentava o preto (e outros tons um tanto sóbrios) em algumas de suas telas, quanto nos conduzem a uma consistente interpretação acerca do uso da linha em seu processo pictórico – de tal modo que, agora, possamos identificá-lo não como algo completamente novo, mas, talvez, como uma reaparição não apenas bem-vinda quanto deveras aprofundada na produção recente da carioca.

Fitando cada uma das novas telas da artista de longe ou mesmo investigando-as de perto, examinando-as, não será preciso tanto tempo para que o espectador logo se depare não com um *trompe-l'oeil*, com um jogo de ilusão proposto por Lynch. Mas, sim, com a sutil percepção de que a antiga (e possivelmente eterna) camada de cores vibrantes típicas de suas pinturas, seguem aqui, encobertas, envoltas, adormecidas em um berço de óleo, resina, diamante, outro e breu.

Está tudo mais preto, está tudo bem, a artista não nos apresenta a escuridão, vejam só. Lynch nos presenteia, nesta série de trabalhos, com um insuspeito silêncio, de origem, sons, textura e outras características radicalmente imutáveis, uma vez que nos "cumprimentam" como velhas familiares que, apesar de sempre lá terem estado, não nos recordamos tão bem. Mais uma vez: tudo bem.

Nos diz a obra, nos diz a artista, dizemos a nós mesmos. Nossos olhos, já involuntariamente limpos de todo influxo visual que teima a cruzá-los, a todo momento, agora já sorriem (eles mesmos! olhos a sorrirem antes mesmo de nossos lábios, vejam...!), subindo e descendo pelo plano pictórico ao acompanhar levemente as linhas (muitas linhas, por vezes entrelaçadas, em outras ocasiões estradas limpas) que, fielmente a tudo o que a artista já produziu em sua carreira, não nos privarão de ver quem ali logo está.

Ali, a pulsar, sem vergonha ou pedido de desculpas, no sistema entrópico da artista que, sabemos, logo irá equilibrar-se. São as cores, as próprias, a docemente nos salutar. Sorrimos com os olhos, com os lábios, sorrimos uns com os outros. Maria e suas pinturas estão anos reafirmar, como em um mantra: *está tudo aqui, está tudo bem*.

---

**entropia**  
maria lynch

05.04.2024 — 29.05.2024  
[04.05.2024 — 05.29.2024]

**aura galeria**

rua da consolação, 2767  
jardins, são paulo

seg a sex das 10h às 19h  
sáb das 11h às 17h

aura.art.br  
+55 11 3034-3825